

O SUSSURRAR DOS TRANSEUNTES: RELATO ETNOGRÁFICO DOS CORREDORES DOS DOCENTES NO DELTA

Bruno Dias¹

Resumo

O trabalho em questão consiste em uma etnografia dos corredores onde se localizam as salas dos docentes da Universidade Federal do ABC no campo de São Bernardo do Campo. A passagem dos discentes da universidade nesses corredores é marcada pelo autocontrole de postura e de voz desses indivíduos. Este trabalho busca, por meio de entrevistas semiestruturadas, reconstruir a experiência dos estudantes nesses espaços para assim obter pistas sobre as relações de poder docente-discente na Universidade Federal do ABC.

Palavras-chave: Corredores, relações de poder docente-discente, etnografia.

Abstract

This work consists of an ethnography of the corridors where the rooms of the professors of the Federal University of ABC are located at the campus of São Bernardo do Campo. The flow of students in these corridors is marked by the self-control of posture and voice of these individuals. This work aims, through semi-structured interviews, to reconstruct the students' experience in these spaces in order to obtain clues about the professor-student relations of power at the Federal University of ABC.

Keywords: Corridors, teaching-student relations of power, ethnography.

¹ Universidade Federal do ABC. E-mail: b.castro.doute@gmail.com

Introdução

A escolha desse objeto etnográfico foi, em alguma medida, acidental. A decisão de investigar os enigmáticos corredores dos docentes no Delta nasceu na inusitada proposta de trabalho etnográfico da professora Marília e essa ideia manteve-se viva até o final do trabalho, embora tenha especulado, na minha primeira visita ao campo, trabalhar talvez com as terceirizadas, o que efetivamente me deslocaria dos corredores para outros espaços da universidade – ideia paralela e que hoje julgo infeliz, mas que meus colegas fácil e felizmente me convenceram a abandonar. O que há de explicitamente acidental nesse trabalho – e desde então me pergunto se o acidente não é elemento fundamental para o ofício etnográfico – foram os eventos imprevistos que suscitaram a escolha, dentro da constelação de objetos que a vivência no campo me propiciou, de estudar um elemento muito particular e efêmero desses espaços sociais, a saber, o baixar de voz dos discentes quando ingressam nos corredores.

Mapa 1 – Mapa da Universidade Federal do ABC



Fonte: Universidade Federal do ABC

A princípio, o interesse pelo campo em si nasceu do matrimônio entre a oportunidade de trabalho empírico proposta pela disciplina e as minhas recentes leituras do *Homo Academicus*, *A Vida de Laboratório* e *A Nobreza de Estado*. Estava interessado em estudar elites científicas e a escolha pelos corredores dos docentes nasceu daí – embora tenha cogitado, de maneira bem fugidia, ter como campo os Centros Setoriais (CECS, CCHN e CMCC). O tempo limitado e as dificuldades burocráticas logo me fizeram ter certeza que os corredores eram a melhor ideia. Contudo, como mencionei anteriormente, esses espaços oferecem uma constelação de objetos.

Poderia me aventurar a discutir desde a disposição de cartazes e tampões de janela nos corredores até as tácitas “carteiradas” que os discentes esporadicamente recebem de certos docentes. Analisar a resultante desses objetos seria uma empreitada que só seria viável caso eu não tivesse tomado tantas semanas para decidir qual seria o meu objeto inicial, que só foi minimamente delimitado na nona semana de aula, após uma discussão de aula, em que tomei como certo que seria uma estratégia mais prática para compreender o campo tentar reproduzir como os discentes o concebem – não mais os docentes.

Naquele momento, vários colegas já haviam contestado as minhas impressões quanto a “realidade” dos corredores, então passei a desconfiar cada vez mais da minha observação individual. Para contornar essa dificuldade, optei por realizar breves entrevistas individuais semiestruturadas, indagando os informantes enquanto caminhávamos pelos corredores.

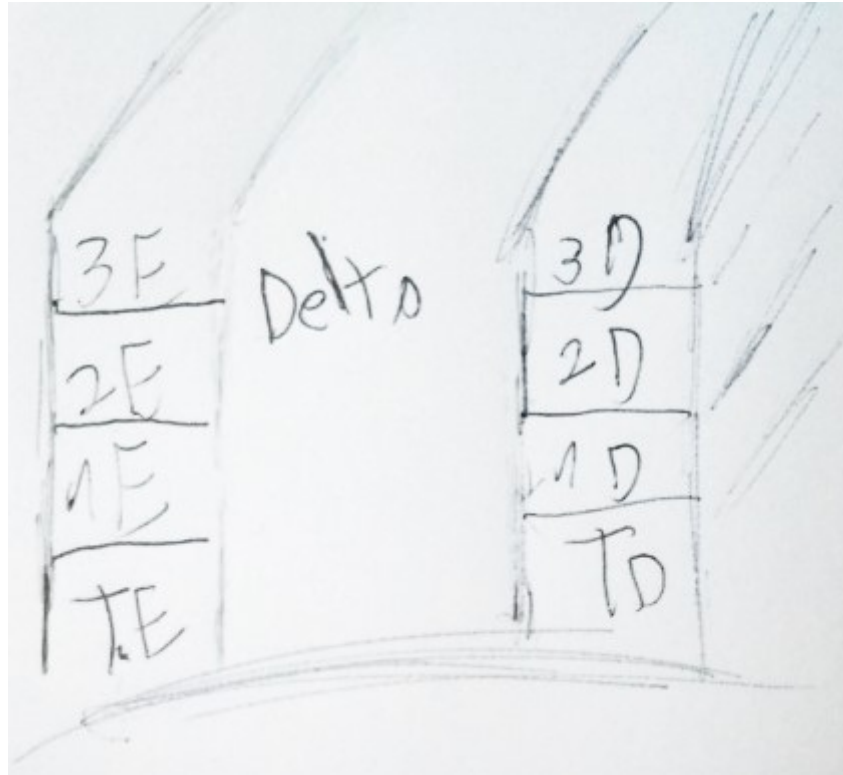
Após realizar três (3) entrevistas ambicionando esboçar um consenso cognitivo acerca dos corredores, notei que em todas as vezes os entrevistados e eu abaixávamos o tom da voz assim que entrávamos no campo. A fim de ter certeza que não era um fenômeno apenas meu, a partir da quarta entrevista eu passei a lançar a pergunta inicial fora dos corredores, almejando garantir que quem puxava a fala para o murmurinho era o entrevistado e não eu. Uma vez realizado o experimento, o fato continuou a se consumir e então o delimito como objeto para tê-lo como metáfora da relação discente com os corredores do Delta.

Mas agora, revisitando o caderno de campo e escrevendo esse relato, não tenho certeza de quão particular a um grupo específico de alunos é essa metáfora, uma vez que notei que todos os meus entrevistados almejavam seguir carreira acadêmica e realizavam iniciação científica. Ou seja, toda a amostra possuía uma relação especial com o campo. Contudo, dado o alto grau de generalidade das conclusões dessa etnografia, suponho que tais resultados possam sim ser aplicados a outros discentes. Mas reservarei essa hipótese a um estudo futuro.

Sobre o campo

Para um observador posicionado na frente do Beta e que de lá mira o Delta, os corredores docentes podem ser catalogados como 2E, 3E, 2D e 3D, sendo a numeração referente ao andar do corredor e a letra representando se o corredor está à direita ou à esquerda em relação a visão do observador.

Imagem 1 – Esboço do Delta sob a perspectiva de um observador no Beta



Fonte: elaboração própria

Não tenho certeza quanto ao critério de alocação dos docentes nas salas, mas a distribuição aparenta respeitar, na medida do possível que a escassez de salas suscita, a divisão do corpo docente nos Centros Setoriais (CECS, CCHN e CMCC) e não nas grandes áreas do conhecimento, “Humanas”, “Exatas” e “Biológicas” e, muito menos, nas duas principais divisões da graduação da UFABC, o “BCH”(Bacharelado em Ciência e Humanidades) e o “BCT” (Bacharelado em Ciência e Tecnologia).

Os corredores, completamente preenchidos de salas, têm em suas largas passarelas um vazio arquitetônico aparentemente irremediável. A composição docente, por sua vez, suscita formas distintas de se relacionar com esse vazio atávico a todos os quatro corredores, uma vez que as relações pessoais, políticas e institucionais entre os professores reverberam em um maior ou menor fluxo deles entre as salas. Nesse sentido, o uso social do espaço é cúmplice do vazio arquitetônico, uma vez que até os corredores mais movimentados pouco se preenchem de docentes e, muito menos, de discentes.

Imagem 2 – Corredor padrão de acesso às salas dos docentes



Fonte: elaboração própria

A composição discente dos corredores é, por excelência, passageira. Os alunos trafegam nos largos corredores sempre imbuídos de objetivos pontuais, seja entregar trabalhos, tirar dúvidas com os professores ou reuniões. Os bancos de madeira, dispostos em todos os quatro corredores, quando não são utilizados como assentos de espera para o atendimento docente vindouro, são meras decorações.

A experiência dos passageiros

Durante as entrevistas, por mais particulares que tenham sido, houve uma redundância de relatos no que se refere à sensação do discente entrevistado em relação aos corredores. Todos eles aludiram, seja explicitamente, por metáforas ou eufemismos, à estratificação hierárquica na qual os alunos estão, segundo eles, automaticamente inseridos.

O respeito aos títulos, à autoridade do doutor, independentemente de qual área do conhecimento fosse, apareceu em todas as entrevistas, de forma que todos os informantes justificaram seus laconismos, seus silêncios, seus receios de dizer, pelo perigo de incomodar o estudo de algum docente enclausurado numa sala, ou de se constranger ao falar “algo tolo”.

Embora o receio de falar tenha sido variável universal em todas as entrevistas, numa em particular, de um graduando da filosofia, ele apareceu de maneira diferente, na medida em que o discente em questão explicou seu receio de dizer, para além dos elementos que foram comuns a todos os outros entrevistados, também “pelo medo de desafiar um regime de verdade”.

Quando indagados se os corredores docentes são mais ou menos confortáveis de se trafegar do que os do alfa 1, a resposta por parte dos entrevistados era direta e, segundo alguns, “óbvia”: “sim”, “claro”.

Em relação a qual dos corredores docentes seria o menos desconfortável, os entrevistados também foram unânimes em afirmar que os corredores “mais tranquilos” são aqueles em que se tem maior intimidade com os docentes que os ocupam e em que o colegiado do curso não é marcado por “divisões ideológicas” ou por brigas internas à comunidade do curso (os casos mencionados foram os das plenárias de economia e do bacharel de filosofia).

Embora a minha amostra seja composta inteiramente por graduandos do Bacharelado em Ciências e Humanidades, o receio de falar, o porte sisudo, lacônico e controlado também se manifestou nos corredores com professores majoritariamente do Bacharelado em Ciência e Tecnologia, o que me levou a concluir que o respeito à autoridade não se refere apenas àqueles da área do conhecimento do informante, mas sim à figura do doutor.

Sobre o enviesamento da amostra

Como mencionado anteriormente, todos os entrevistados, embora de cursos específicos diferentes, são do BCH e aspiram seguir carreira docente. Nesse sentido, é natural conceber o respeito à autoridade ao título de doutor, na medida em que, além de conhecerem a carreira, almejam o mesmo prestígio. Contudo, como nas entrevistas os argumentos mobilizados se referem a traços generalistas da relação professor-aluno, e, como um todo, da relação das sociedades ocidentais com a titulação, suponho que o atributo acadêmico dos informantes pouco tenha influenciado na confecção desse consenso cultural acerca dos corredores.

Seria interessante, para um estudo futuro, realizar o mesmo estudo com discentes do BCT, para avaliar se esses confirmam a autoridade dos docentes do BCH da mesma forma que os alunos do BCH confirmam a dos professores do BCT. É um estudo profícuo para esboçar como se manifesta o constructo da hierarquia das áreas de conhecimento, nos mitos que circundam a ciências exatas de que as ciências humanas não são objetivas ou – devido a oposição binominal a “ciências duras” – “moles”, sem rigor.

Um último acidente

Em certo momento do processo etnográfico fui informado pelo Comitê de Moradia Estudantil do DCE, que o Delta na época do planejamento do campus de São Bernardo do Campo, seria o prédio da moradia estudantil. Não consegui averiguar a veracidade dessa informação, mas por si só ela me valeu de inúmeros exercícios de imaginação. Conceber aqueles corredores lotados não de escritórios, mas de dormitórios reconstitui não apenas as imagens acerca do Delta, mas do campus como um todo. Embora o vazio atual dos corredores estivesse previsto na arquitetura, suspeito que ele seria plenamente preenchido pelo uso social de convivência acadêmica.

Inclusive, pergunto-me quais das várias metáforas que coletei acerca do Delta seriam possíveis de proferir. Uma professora se referiu aos corredores como “os corredores do filme *O Iluminado*” e alguns alunos nomearam o prédio inteiro como “Olimpo”. Arrisco-me a dizer que, provavelmente, nenhuma dessas leituras sobreviveriam.

Considerações Finais

As entrevistas indicaram que o controle de postura e de voz – tanto no tom quanto no conteúdo – discente, durante o tráfego nos corredores, se deve ao respeito à autoridade dos doutores, poder esse que emana das paredes dos corredores, das salas fechadas e do silêncio intrínseco dos corredores vazios.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Florianópolis: EDUFSC. 2013.

BOURDIEU, Pierre. **The State Nobility: elite schools in the field of power**. Cambridge, Reino Unido: Polity Press, 1996.

GERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. reimp. Rio de Janeiro: LTC. 2008

LATOUR, Bruno. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Dumará, 1997.